

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28213>

DOI: 10.34019/1982-2243.2018.v22.28213

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2018 by UFJF. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



Veredas Atemática

Volume 22 – nº 2 – 2018

***Frames* em interação e indicialidade social de gênero em entrevistas com Laerte Coutinho**

Rafahel Jean Parintins Lima*

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o papel da ativação e da mobilização de *frames* na indicialidade de gênero social em entrevistas televisivas com a cartunista transgênero Laerte Coutinho, a partir da Semântica de *Frames* e da perspectiva sociocognitivo-interacionista da Linguística de Texto. Por meio da análise textual e interacional dos dados, apontamos o caráter sociocognitivo da indicialidade de gênero e o processo de colaboração e negociação na mobilização de *frames* divergentes de gênero nas interações analisadas.

Palavras-chave: Frame; Indicialidade; Gênero.

Introdução

* Doutorando em Linguística na Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Estudos da Linguagem/ Programa de Pós-graduação em Linguística.

O objetivo deste artigo¹ é analisar a ativação e a mobilização de *frames* de gênero social (doravante “gênero”²) realizadas por meio de construções referenciais em 02 entrevistas televisivas com a cartunista Laerte Coutinho (que se identificava como *cross-dresser*³ em 2012 e, posteriormente, passou a se identificar como *transgênero*⁴), de modo a mostrar como a indiciabilidade social de gênero pode ser textual e sociocognitivamente organizada.

Muitos linguistas têm chamado a atenção para os aspectos cognitivos de fenômenos sociolinguísticos (BYBEE, 2016; SILVA, 2009a, 2009b; *inter alia*), aprofundando o conhecimento sobre aspectos das relações entre linguagem, cognição e sociedade. Este estudo está no bojo desse *background* epistemológico ao investigar determinadas relações entre *frames*, construções textuais e indiciabilidade social de gênero. Uma premissa comum entre estudos sociocognitivos e sociolinguísticos interacionais, presente neste trabalho, é a de que a interação envolve a evocação de conhecimentos relativamente pressupostos e/ou (tomados como) compartilhados (GUMPERZ, 2001; MARCUSCHI, 2007).

Este estudo trabalha com as noções de indiciabilidade social (SILVERSTEIN, 1976; HANKS, 2008) e de gênero (CAMERON & KULICK, 2003; CAMERON, 2005) concebidas a partir de abordagens interacionistas da Antropologia Linguística e da Sociolinguística. Fundamentamo-nos teoricamente na Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982; 1985; FILLMORE & BAKER, 2011) e na abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística de Texto, que integra ações linguístico-textuais e sociocognitivas das interações humanas (KOCH, 2004; KOCH & CUNHA-LIMA, 2011; MARCUSCHI, 2007; BENTES & REZENDE, 2008).

Focalizamos aqui a indiciabilidade do tipo *social* (SILVERSTEIN, 1976; GUMPERZ, 2001; HANKS, 2008, *inter alia*). Assim, não se trata propriamente da indiciabilidade referencial *stricto sensu*, de base mais semântico-pragmática, relacionada, por exemplo, ao fenômeno dêitico (VAN DIJK, 2012), embora ela também participe da indiciabilidade social. Esta consiste na possibilidade de a linguagem “apontar” ou indicar elementos contextuais para os participantes de uma situação interativa por meio de inferências socioculturais realizadas por esses participantes (SILVERSTEIN, 1976; HANKS, 2008). Cameron & Kulick (2003), que estudam as categorizações de sexo, sexualidade e gênero, comentam que:

[Q]uando linguistas dizem que elementos particulares da linguagem, como o sotaque regional ou o léxico especializado ‘indiciam’ uma identidade do falante ou o *status* social, o que eles querem dizer é que esses elementos são

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O estudo foi realizado no âmbito da Qualificação em Sociolinguística requerida pelo curso de Doutorado em Linguística do IEL-UNICAMP (Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas). Agradecemos à presidente da banca de qualificação Dra. Anna Christina Bentes (IEL-UNICAMP) e aos demais membros, Dra. Livia Oushiro (IEL-UNICAMP) e Dr. Erik Miletta Martins (UFRN), pelas importantes contribuições realizadas. As eventuais inadequações existentes são de responsabilidade do autor. Agradecemos também à orientadora de Doutorado do autor, professora Dra. Edwiges Morato (IEL-UNICAMP), pelas reflexões científicas perspicazes e sensíveis em torno de fenômenos e processos textuais, interacionais, sociocognitivos, particularmente em discussões realizadas durante a execução do projeto de pesquisa “Linguagem e cognição em interação - o papel dos *frames* na organização do tópico discursivo em conversações do Centro de Convivência de Afáscidos (CCA-IEL/UNICAMP)” - Proc. Fapesp 2014/05850-5. Agradecemos ao IEL-UNICAMP, à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e aos pareceristas desta revista (pelos importantes comentários e sugestões realizados).

² Nas passagens deste artigo em que houver possibilidade de sobreposição entre a noção social (*gender*) e a noção textual/discursiva (*genre*) (BAKHTIN, 1986 [1929]) de “gênero”, homônimas em português, utilizaremos a expressão “gênero discursivo” para identificar o segundo.

³ O *cross-dressing* consiste na prática de usar vestimentas consideradas do sexo/gênero oposto.

⁴ A transgeneridade consiste em uma autoidentificação de gênero divergente da identificação baseada estritamente no sexo biológico.

associados a posições sociais específicas e que um falante, ao usá-los (ou ao demonstrar usá-los), torna-se associado com as posições a que esses elementos linguísticos apontam. (CAMERON & KULICK, 2003, p. 56)⁵

Assim, a indicialidade social (doravante “indicialidade”) não se dá de forma direta: Cameron & Kulick (2003, p. 58) afirmam que “elementos linguísticos são associados com gênero por meio da sua associação com alguma outra coisa, que, por sua vez, pode ser associada com gênero”⁶. A nosso ver, essa “associação” pode consistir em expectativas em torno de sexo e sexualidade ou de outras características individuais, como vestuário, gestualidade, prosódia característica etc. Entendemos que esse processo pode ser baseado em construtos sociocognitivos, como os *frames*, que organizam elementos linguístico-textuais e colaboram para a realização de inferências (FILLMORE, 1982, 1985; FILLMORE & BAKER, 2011).

A noção de *frame* adotada neste estudo é a proveniente da Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982, 1985; FILLMORE & BAKER, 2011): “um sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário entender toda a estrutura em que se insere” (FILLMORE, 1982, p. 111)⁷. Ela será trabalhada neste estudo a partir de uma abordagem dinâmica e discursiva (FILLMORE, 1982; 1985; CROFT & CRUSE, 2004; CIENKI, 2007; MIRANDA & BERNARDO, 2013; MIRANDA & LOURES, 2016; MORATO, 2010; MORATO & BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017), que integra linguagem e cognição em uso na evocação de *frames*.

Entendemos que a linguagem em uso pode ser um espaço de negociação, no sentido de que nela se podem apresentar as diferentes perspectivas dos interlocutores (TOMASELLO, 2003), por vezes marcadamente assimétricas do ponto de vista de quadros sociais mais amplos. Do encontro entre perspectivas divergentes, podem emergir movimentos textuais que tomam expressões linguísticas, atos enunciativos, pressupostos etc., como escopos de referência ou de enquadramento, com o propósito de refletir e negociar os sentidos (co)construídos pelos interlocutores.

A análise apresentada neste trabalho pode contribuir para a compreensão da forma com que os interlocutores interagem em uma situação de encontro interacional entre *frames* e pontos de vista sociais divergentes sobre gênero. Essa contribuição se evidencia em relação à questão social do gênero quando consideramos, por exemplo, os conflitos ideológicos existentes entre os que criticam uma suposta “ideologia de gênero” (SOMMERS, 1994), segundo a qual, em termos breves, a noção de gênero deturpa a naturalidade das relações entre os sexos, e os que entendem o gênero como um construto sócio-histórico-cultural (CAMERON & KULICK, 2003; CAMERON, 2005, *inter alia*). Este trabalho também pode contribuir para os estudos linguísticos (socio)cognitivistas e interacionistas na medida em que discutimos que a indicialidade pode ser tomada como textual, interativa e sociocognitivamente organizada. Nesse caso, a análise textual-interativa de *frames*, particularmente, pode contribuir para uma

⁵ “[...] when linguists say that particular features of language, such as regional accent or specialized lexicon, ‘index’ a speaker’s identity or social status, what they mean is that those features are associated with specific social positions, and that a speaker, in using them (or appearing to use them), becomes associated with the positions that those linguistic features point to” (Todas as traduções de textos realizadas ao longo deste artigo são de nossa autoria, exceto quando outra fonte for informada).

⁶ “linguistic features are associated with gender via their association with something else that can itself be associated with gender”.

⁷ “By the term ‘frame’ I have in mind any sistem of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits” (FILLMORE, 1982, p. 111; tradução de Vereza [2013]).

compreensão da forte inter-relação entre processos considerados sociocognitivos e interacionais, como a dinâmica de *frames*, e formas e processos textuais da linguagem em uso.

1. Sexo, sexualidade e gênero

Para explicitar a definição de gênero adotada neste artigo, é necessário explicitar também as definições de sexo e de sexualidade, ainda que em termos breves, uma vez que o estudo do gênero não se desvincula destas noções (CAMERON & KULICK, 2003; KULICK, 1997; 1998; *inter alia*).

Entendemos *sexo* como um atributo biológico pautado nas diferenças identificadas entre pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino (CAMERON & KULICK, 2003). Entendemos *sexualidade* como o conjunto de práticas sexuais e de seus sentidos sociais construídos por uma pessoa ou grupo cultural (CASTAÑEDA, 2007). Entendemos o *gênero*, por sua vez, como a forma com que determinada sociedade ou cultura se relaciona com o(s) sexo(s), com a(s) sexualidade(s) e com os papéis sociais, chamados “gêneros”, relacionados àqueles. Nesse sentido, o gênero é sócio-historicamente construído (CAMERON & KULICK, 2003) e diz respeito, além disso, à forma com que o indivíduo se relaciona e se identifica com um desses papéis.

Há diferentes formas de conceber, de se relacionar e de se identificar com as construções sócio-históricas de gênero. O modelo tradicional e dominante de gênero é o que podemos chamar, para os fins deste estudo, de *gênero como sexo*, que constrói pressuposições sobre o sexo biológico e sobre a vida social dos indivíduos. Nessa concepção, a interconexão entre sexo, sexualidade e gênero é altamente naturalizada, no sentido de que essas categorias se apresentam de forma indiferenciada.

A partir de dado momento da história ocidental moderna, no entanto, a concepção de gênero estritamente como sexo passou a conviver com outra. Assim, temos a concepção de gênero *como sexo*, quase sempre menos reflexiva e mais incorporada no cotidiano, e a concepção de gênero *como gênero*, isto é, a identificação e a reflexão sobre a existência dessa construção sócio-histórico-cultural. Nesta, a interconexão entre sexo e sexualidade é identificada, mas não naturalizada. Esta concepção surgiu de novas teorizações, que engendraram, no século XX, a categoria teórica de gênero, com base na reflexão sobre as relações sociais mais ou menos tradicionais (LOURO, 1997) da concepção de gênero como sexo.

No âmbito particular da concepção de gênero como gênero, vale o entendimento de que “[a]queles que cunharam e então popularizaram os termos *gênero* e *sexualidade* estavam deliberadamente tentando sair de definições estreitamente biológicas/reprodutivas” (CAMERON & KULICK, 2003, p. 2)⁸. Segundo essa forma de conceber gênero, ter genitália ou corpo masculino não implica necessariamente ser sexualmente atraído por pessoas do sexo feminino e nem necessariamente ter a identidade, entendida como autoidentificação, de *homem*. Isso não significa que sexo, sexualidade e gênero sejam “entendidos ou experimentados pela maioria das pessoas na realidade social de hoje” e na concepção de gênero como gênero “como distintos e separados” (CAMERON & KULICK, 2003, p. 5)⁹, mas que a interconexão entre eles não é naturalizada, ou seja, é entendida como sócio-historicamente construída.

⁸ “Those who coined and then popularized the terms gender and sexuality were deliberately trying to get away from narrowly biological/reproductive definitions”.

⁹ “[...] the phenomena denoted by the three terms – having a certain kind of body (sex), living as a certain kind of social being (gender), and having certain kinds of erotic desires (sexuality) – are not understood or experienced by most people in present day social reality as distinct and separate. Rather, they are interconnected”.

A cada um desses dois quadros sociais amplos descritos acima (gênero como sexo e gênero como gênero), podem corresponder *frames* ativados ou mobilizados por construções textuais nas interações em curso. Em relação à categorização das pessoas de acordo com dado *frame* de gênero, existe, na cultura ocidental, de um lado, um *frame* que corresponde à concepção de gênero como sexo, o *frame* Pessoas_por_sexo, compartilhado pela maioria da população ocidental, e um *frame* que corresponde à concepção de gênero como gênero, Pessoas_por_gênero, compartilhado principalmente por comunidades de ativistas, de acadêmicos, LGBTT (“Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Trans”) e por outras pessoas que adquiriram conhecimentos sobre o gênero como gênero, ainda que de forma variada.

Segundo o *frame* Pessoas_por_sexo, existem pressuposições, características físicas, psicológicas e sociais “naturais” ou “normais” para as únicas categorias consideradas legítimas: a dos *homens* e a das *mulheres* (CAMERON & KULICK, 2003). Como esse *frame* serve de referência até mesmo para o seu questionamento por quem opera com o *frame* Pessoas_por_gênero, por exemplo, ele pode ser considerado, em nossa cultura, como um *frame* mais estável do que o segundo, que, por sua vez, corresponde a outra(s) forma(s) de conceber ou de falar sobre sexo, sexualidade e gênero, com uma visão menos biológica/reprodutiva *stricto sensu* (CAMERON & KULICK, 2003). A ativação e a mobilização desses *frames* focalizados serão observadas nos dados que analisaremos mais adiante.

2. A noção de *frame*

Como vimos, o *frame* é “um sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário entender toda a estrutura em que se insere” (FILLMORE, 1982, p. 111). Os elementos inter-relacionados que formam esse construto linguístico e sociocognitivo têm sido chamados de Elementos de *Frame*, no campo da Semântica de *Frames*. A Semântica de *Frames* é:

[...] o estudo do modo com que associamos, como parte de nosso conhecimento da linguagem, formas linguísticas (palavras, frases fixas, padrões gramaticais) a estruturas cognitivas – os *frames* – que determinam largamente o processo (e o resultado) da interpretação dessas formas. (FILLMORE & BAKER, 2011, p. 134)¹⁰

Fillmore & Baker (2011) também definem a Semântica de *Frames* como “o estudo de como as formas linguísticas evocam ou ativam conhecimento de *frame* e como os *frames* então ativados podem ser integrados na compreensão das passagens que contêm essas formas” (FILLMORE & BAKER, 2011, p. 317)¹¹. A dinâmica de ênfases dos *frames* ou de seus elementos mobilizados é realizada em interação. Assim, adotamos, nesse estudo, uma abordagem de *frames* que considere suas faces semântico-cognitiva e textual-interacional.

De um ponto de vista sociocognitivo-interacional, Morato (2010), Morato & Bentes (2013) e Morato *et al.* (2017) têm chamado atenção para o papel de construções textuais para a ativação e a mobilização de *frames*, não entendidos como estritamente semânticos nem

¹⁰ “Frame Semantics as the study of how, as a part of our knowledge of the language, we associate linguistic forms (words, fixed phrases, grammatical patterns) with the cognitive structures – the frames – which largely determine the process (and the result) of interpreting those forms”.

¹¹ “Frame Semantics is the study of how linguistic forms evoke or activate frame knowledge, and how the frames thus activated can be integrated into an understanding of the passages that contain these forms”.

estritamente interativos. Morato & Bentes (2013) postulam que os *frames* são “evocados ou elaborados tanto por unidades lexicais, quanto por construções textuais” (MORATO & BENTES, 2013, p. 126). Para as pesquisadoras:

[O]s frames podem ser entendidos de forma relacional, isto é, como enquadres cognitivos que se forjam a partir não apenas dos esquemas de conhecimento ativados e elaborados conjuntamente pelos interactantes, como também a partir do enquadramento social dos participantes da conversação e do contexto interacional local em que estão imersos. (MORATO & BENTES, 2013, p. 128)

Se a linguagem em uso na interação pode ser um espaço de negociação, considerando quadros sociais indiciados pela dinâmica de *frames*, isso ocorre em parte porque construções textuais, como as referenciais, baseiam-se em pressuposições, demandam inferências socioculturais e ativam *frames* com e sobre os quais atuam os interlocutores ao tomarem as formas referenciais utilizadas como escopos de (re)categorização e de enquadramento. Além disso, a linguagem em uso pode ser um espaço de negociação porque os interlocutores levam em consideração que os *frames*, de forma importante, e as (re)categorizações realizadas por construções referenciais influenciam a interpretação de propósitos comunicativos, “moldam as metas que buscamos, os planos que fazemos, a maneira com que agimos e o que conta como resultado bom ou mau de nossas ações” (LAKOFF, 2004, p. xv)¹². Pode haver, assim, uma importante dinâmica de *frames* ativados, mobilizados, rejeitados ou assumidos de acordo com os pontos de vista dos interactantes justamente porque esses pontos de vista adotados se submetem à ação dos interlocutores atentos a inferências (pressu)postas na cena referencial e interativa.

Para a análise textual-interativa de *frames*, adotamos neste estudo a formalização das descrições de *frames* oferecida pelo projeto *FrameNet Brasil*, que utiliza dados do português do Brasil. Entendemos, assim, que o *frame* pode ser uma “ferramenta singular no suporte à interpretação da realidade perspectivada pelos atores sociais” (MIRANDA & BERNARDO, 2013, p. 83). No entanto, a base de dados do projeto *FrameNet Brasil* não possui uma grande variedade de *frames* disponíveis. Como o projeto original de referência tem sido a *FrameNet* dos EUA, lançamos mão também deste como outra fonte de *frames* descritos, quando não encontramos no *FrameNet Brasil* a descrição de determinado *frame*. A *FrameNet* (EUA) é sediada no ICSI (*International Computer Science Institute*) na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, e seu correspondente brasileiro, o projeto *FrameNet Brasil*, é sediada na Universidade Federal de Juiz de Fora¹³. Os *frames* ativados e mobilizados neste estudo, quando não descritos pelos projetos *FrameNet*, foram definidos com base em *frames* já identificados nessa plataforma.

Os referidos projetos constroem bases de dados de *frames* semânticos e gramaticais que enquadram itens lexicais ou construções sintáticas na língua inglesa (EUA) e na língua portuguesa (Brasil), respectivamente¹⁴. Ambos vêm construindo uma base de dados de *frames* semânticos e unidades léxico-gramaticais relacionadas. Utilizamos a formalização dos *frames* empreendida por esses dois projetos *FrameNet* para identificarmos e analisarmos os dados que

¹² “[...] they [the frames] shape the goals we seek, the plans we make, the way we act, and what counts as a good or bad outcome of our actions”.

¹³ Projeto *FrameNet*: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>> Acesso em: 17 jun. 2018.

Projeto *FrameNet Brasil*: <<http://www.ufjf.br/framenetbr/>> Acesso em: 17 jun. 2018.

¹⁴ Há também projetos em outras línguas, cujas informações estão disponíveis em:

<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/framenets_in_other_languages> Acesso em: 17 jun. 2018.

dispomos, a partir do ponto de vista teórico-analítico que adotamos, o da Linguística Textual (MORATO *et al.*, 2017; MORATO & BENTES, 2013; MORATO, 2010; MARCUSCHI, 2006) e de estudos que integram cognição, linguagem, interação e texto/discurso (SALOMÃO, 1999; MONDADA & DUBOIS, 2003; KOCH, 2004; MIRANDA & BERNARDO, 2013; VEREZA, 2013; TOMASELLO, 2003).

Como um dos aspectos do *frame* é o de ser um construto sociocognitivo que (re)organiza e é (re)organizado pela experiência de mundo (FILLMORE, 1982, 1985; CIENKI, 2007; MORATO, 2010), ele é considerado sociocognitivamente estável, sendo alguns mais estáveis do que outros (MORATO *et al.*, 2017). Os *frames* são definidos a partir de um cenário cognitivo, do qual fazem parte Elementos de *Frame* (EF) conectados. Na linguagem em uso, o *frame* emerge a partir de ênfases em determinadas relações e EFs, que são colocados mais em evidência do que outros (FILLMORE & BAKER, 2011). Como os *frames* enquadram e perspectivam os referentes textualmente construídos (MORATO *et al.*, 2017; MARCUSCHI, 2006), eles, os *frames*, são ativados e mobilizados dinamicamente ao longo do texto e da interação. Nesse sentido, os *frames* são mobilizados para a construção textual-interacional do sentido. Reciprocamente, a organização textual-interativa contribui para a dinâmica de *frames* ativados e mobilizados (MORATO *et al.*, 2017).

2.1. Os *frames* Pessoas_porsexo e Pessoas_por gênero

Focalizamos aqui os *frames* ativados e mobilizados pelos interlocutores na indicialidade de gênero, que envolve, portanto, os sentidos construídos e os conhecimentos compartilhados ou não, mais ou menos pressupostos. Não há *frames* na base de dados dos projetos *FrameNet* correspondentes às concepções de gênero apresentadas anteriormente. A definição dos *frames* Pessoas_porsexo e Pessoas_por gênero em foco neste artigo foi baseada em *frames* de classificação de indivíduos, de acordo com alguma de suas características, uma vez que à categorização social dos sujeitos em relação a determinado aspecto humano subjaz determinada forma de conceber esse aspecto, que pode ser idade, religião, gênero etc. Foram encontrados 07 *frames* na *FrameNet* e 03 na *FrameNet Brasil* em relação à categorização de pessoas: People_along_political_spectrum¹⁵, People_by_age¹⁶, People_by_jurisdiction¹⁷, People_by_military_specialty¹⁸, People_by_morality¹⁹, People_by_religion²⁰ e

¹⁵ Definição disponível em:

<https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_along_political_spectrum> Acesso em: 17 jun. 2018.

¹⁶ Definição disponível em:

<https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_by_age> Acesso em: 17 jun. 2018.

¹⁷ Definição disponível em:

<https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_by_jurisdiction> Acesso em: 17 jun. 2018.

¹⁸ Definição disponível em:

<https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_by_military_specialty> Acesso em: 17 jun. 2018.

¹⁹ Definição disponível em:

<https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_by_morality> Acesso em: 17 jun. 2018.

²⁰ Definição disponível em:

<https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_by_religion> Acesso em: 17 jun. 2018.

People_by_residence²¹, na *FrameNet* dos EUA; Pessoas_por_atividade_de_lazer²², Pessoas_por_origem²³ e Pessoas_por_vocação²⁴, na *FrameNet Brasil*.

Quase todas as definições encontradas desses *frames* descrevem palavras para indivíduos nos termos dos critérios de classificação correspondente (idade, vocação, especialidade militar etc.). Além disso, são apresentadas nessas definições as características relacionadas à classificação em questão, na forma de Elementos de *Frame* (Idade e Etnia, por exemplo). Assim, os dois *frames* em foco, Pessoas_por_sexo e Pessoas_por_gênero foram descritos como segue:

<i>Frames</i>	Definição²⁵
1. Pessoas_por_sexo	Um Indivíduo pertence a uma categoria de Sexo: homem ou mulher. A categorização pelo Sexo permite inferências sobre a existência de Órgão_genital correspondente e predicções relacionadas a comportamentos (EF Comportamento_sexo), ocupações, padrões de gestualidade, vestuário (EF Vestuário_sexo), características físicas e psicológicas etc. identificados por Descritores ou Característica_persistente.
2. Pessoas_por_gênero	Um Indivíduo pertence a uma categoria de Identidade_de_gênero: homem, mulher, travesti, transsexual, transgênero etc. Essa autoidentificação não necessariamente prevê características físicas, psicológicas, sociais, comportamentais, etc., para o indivíduo.

Quadro 1 Definição dos frames Pessoas_por_sexo e Pessoas_por_gênero

Para a definição do *frame* Pessoas_por_sexo, que apresentamos acima, deve-se considerar que as pessoas, nessa forma de conceber e de falar sobre gênero, geralmente entendem sexo, sexualidade e gênero como sobrepostos, como partes integrantes de um mesmo papel social monolítico (CAMERON & KULICK, 2003; LEVON, 2016). Como vimos, o *frame* de Pessoas_por_gênero, por sua vez, corresponde não à identificação da pessoa em relação apenas a seu sexo, nem apenas a sua sexualidade, embora esses aspectos se interconectem (CAMERON & KULICK, 2003).

²¹ Definição disponível em:

<https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_by_residence> Acesso em: 17 jun. 2018.

²² Definição disponível em: <<http://www.ufjf.br/framenetbr/dados/lexicon/>> Acesso em: 17. jun. 2018.

²³ Definição disponível em: <<http://www.ufjf.br/framenetbr/dados/lexicon/>> Acesso em: 17. jun. 2018. O correspondente desse *frame* na *FrameNet* de língua inglesa encontra-se em <https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_by_origin> Acesso em: 17. jun. 2018.

²⁴ Definição disponível em: <<http://www.ufjf.br/framenetbr/dados/lexicon/>> Acesso em: 17. jun. 2018. O correspondente desse *frame* na *FrameNet* de língua inglesa está disponível em: <https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=People_by_vocation> Acesso em: 17. jun. 2018.

²⁵ Seguindo as convenções de notação dos projetos *FrameNet*, as palavras iniciadas com letra maiúscula, nas definições dos *frames*, consistem em Elementos do *Frame*. Por exemplo: Sexo, Usuário, Local, etc. Acrescentamos a forma “_sexo” em EFs do *frame* Pessoas_por_sexo e a forma “_gênero” em EFs do *frame* Pessoas_por_gênero como um modo de diferenciá-los.

3. Contextualização dos dados

Em relação aos dados analisados, selecionamos neste trabalho o gênero discursivo *entrevista* como ambiente textual-interativo no qual ações reflexivas se apresentam de forma típica, levando os entrevistados a construir avaliações e apreciações em relação ao tema em discussão (FERREIRA-SILVA, 2015; LIMA, 2014; FÁVERO *et al.*, 2010). Nesse sentido, o programa televisivo de entrevistas também se apresenta como um ambiente empírico importante no qual as apreciações dos entrevistados podem, de forma pública, assumir ou questionar textualmente quadros sociais mais amplos de forma mais ou menos explícita.

Neste artigo, analisamos 02 entrevistas com a cartunista Laerte Coutinho nos programas *Roda Viva* da TV Cultura²⁶ e *Gabi quase proibida* do SBT²⁷, uma vez que, nessas entrevistas, os entrevistadores perguntam para Laerte sobre seu processo de identificação de gênero, pois a cartunista assume identidades não compatíveis com a concepção de gênero como sexo. Selecionamos entrevistas em que Laerte Coutinho evoca ou mobiliza *frames* de gênero, explicitando ativamente pontos de vista relacionados ao *frame* Pessoas_por_gênero. A expectativa de análise, ao selecionarmos esses dois dados interacionais, é a de que Laerte, nessas situações comunicativas, realiza ações textuais que têm como escopo os conhecimentos sobre gênero que ela possui, não apenas por conta do caráter reflexivo acima referido do gênero discursivo *entrevista*, mas também porque essas entrevistas, em particular, tematizam não apenas o trabalho de Laerte como cartunista, mas, como dissemos, a sua identidade de gênero, envolvendo dinâmica de *frames* relacionados.

Laerte Coutinho (doravante LC) é uma renomada cartunista brasileira. Trabalhou em reconhecidas revistas de quadrinhos com importante papel no cenário cultural brasileiro, como *O Balão* e *O Pasquim*, além de trabalhar para as revistas *Veja* e *ISTOÉ* e para os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Junto com os também quadrinhistas Angeli, Glauco e, posteriormente, Adão Iturrusgarai, desenhou as histórias de *Los Três Amigos*, que começaram a ser publicadas em 1991. Em 2010, aos 57 anos, deu uma entrevista para a revista *Bravo!* em que explicou ser *cross-dresser*²⁸. Desde então, a cartunista tem sido chamada para muitas entrevistas sobre identidades transgênero e sobre sua carreira de quadrinhista. Segundo essas entrevistas, Laerte teve sua primeira aproximação com o *cross-dressing* em 2004, iniciando essa prática propriamente em 2009²⁹. Em 2012, tornou-se cofundadora da Associação Brasileira de Transgêneras, a ABRAT.

A entrevista de LC, para o programa *Roda Viva*, foi ao ar na TV Cultura no dia 20 de fevereiro de 2012 e, para o programa *Gabi quase proibida*, no dia 17 de outubro de 2013, no SBT. LC se apresentava na primeira entrevista como *cross-dresser* e na segunda já tinha passado a se identificar como transgênero.

O programa *Roda Viva*, no qual uma das entrevistas aqui focalizadas foi realizada, começou a ser exibido em 29 de setembro de 1986, na TV Cultura. Trata-se de um programa de entrevistas com figuras públicas de destaque nacional e internacional. Segundo o formato do programa, os entrevistados sentam-se em uma cadeira giratória no centro de uma roda de entrevistadores, sentados por sua vez em um nível mais alto (FERREIRA-DA-SILVA, 2015).

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j5hXQDThUiA&t=899s>> Acesso em: 17. jun. 2018.

²⁷ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=6HK6VtiZ-gQ>>, <<https://www.youtube.com/watch?v=p0uDFm7DRyM>>, <https://www.youtube.com/watch?v=dLJYeW_x12c>, <<https://www.youtube.com/watch?v=pe--hkX0YxU>> Acesso em: 17. jun. 2018.

²⁸ A entrevista foi reproduzida no *blog* Revista Íntegra. Disponível em: <<http://revista-integra.blogspot.com.br/2010/11/laerte-tenho-vergonha-de-quase-tudo-que.html>> Acesso em: 17. jun. 2018.

²⁹ Uma dessas entrevistas está disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411201012.htm>> Acesso em: 17. jun. 2018.

O apresentador na época da entrevista com LC (2012) era o jornalista e escritor Mário Sérgio Conti, que ficou no programa de 2011 a 2013. O *Roda Viva* é descrito, em sua página na Internet, como um “espaço plural para a apresentação de ideias, conceitos e análises”³⁰.

A entrevista de LC no *Roda Viva* é marcada pela presença de alguns entrevistadores bastante conhecidos da entrevistada. Assim, há referências a experiências compartilhadas entre os entrevistadores e LC, principalmente experiências de trabalho. Assim, os conhecimentos menos compartilhados com os entrevistadores em termos de temas é a sua identidade de gênero e o processo de explicitação dessa identidade tanto para si mesma quanto para a esfera pública.

O programa *Gabi quase proibida* começou a ser exibido no SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) em 26 de junho de 2013 e teve sua última exibição em 26 de fevereiro de 2014, segundo informações de sua página na Internet³¹. O programa tomou o lugar da segunda edição do extinto *De frente com Gabi*, que também era apresentado por Marília Gabriela. *Gabi quase proibida* é um programa de entrevistas com especialistas, artistas e convidados em geral, geralmente figuras públicas relacionadas com a temática de sexo, sexualidade, gênero e temas (tomados como) correlatos.

Na entrevista do programa *Gabi quase proibida* de 2013, LC já tinha um maior envolvimento político com a questão transgênero, em comparação com a entrevista ao *Roda Viva*, em 2012. Além disso, LC, na entrevista ao *Gabi quase proibida*, ao contrário do que ocorre na entrevista para *Roda Viva*, não demonstra ter muitas experiências compartilhadas com a entrevistadora. Esta realiza perguntas relacionadas principalmente com o tema do gênero, ainda que também tematize o trabalho de Laerte como cartunista. Nosso foco de análise, tanto naquela quanto nesta entrevista é propriamente as perguntas sobre (identidade de) gênero.

4. *Frames* de gênero em interação em entrevistas com Laerte Coutinho

Observamos que, nas entrevistas com LC, os *frames* de gênero colaboram, nas interações observadas, para a organização dos conhecimentos pressupostos tomados como compartilhados pelos interlocutores. Esses conhecimentos sobre a identidade de gênero de LC e as pressuposições instauradas pelas perguntas dos entrevistadores enseja ações reflexivas, como quando os entrevistadores perguntam a Laerte sobre a forma de se referir à entrevistada. As construções referenciais ativam e mobilizam *frames* de gênero quando referentes relacionados a eles são (re)construídos textualmente. Um conjunto de inferências contextuais e pressuposições realizadas pelos interlocutores pode ser indicado pelas ações textuais realizadas (como as ações referenciais). Essas inferências e pressuposições baseiam-se, como vimos, no conhecimento de/sobre os interlocutores e sobre sexo, sexualidade e/ou gênero. Nesse caso, esse conhecimento é indiciado pelas ações textual-interativas.

Destacamos, no quadro a seguir, os Elementos de *Frames* mais sobressalentes nos dados. No quadro, constam as definições dos EFs dos *frames* Pessoas_porsexo e Pessoas_por_gênero identificados. Isso quer dizer que os referidos *frames* são ativados e mobilizados nos dados de forma mais específica do que se apresentou na descrição anterior dos *frames*:

³⁰ A página do programa na Internet está disponível em: <<http://tvcultura.com.br/programas/rodaviva/>> Acesso em: 17. jun. 2018.

³¹ A página do programa na Internet está disponível em: <<http://www.sbt.com.br/gabiquaseproibida/>> Acesso em: 17. jun. 2018.

<i>Frame</i>	<i>EFs</i>	<i>Definição</i>
1. Pessoas_por_sexo	a) Sexo_sexo	Diz respeito à diferenciação biológica de pessoas de acordo com uma das duas possibilidades de Órgão_genital: o masculino ou o feminino.
	b) Comportamento_sexo	Comportamento ou conjunto de comportamentos (ações ou práticas) esperados de uma pessoa de determinado Sexo_sexo.
	c) Vestuário_sexo	Este EF indica o Vestuário que o Usuário veste. Nesse caso, é importante saber se o Usuário é do sexo masculino ou feminino.
	d) Postura_de_micção_sexo	Posição realizada no ato de micção de acordo com o Sexo_sexo das pessoas.
	e) Ir_ao_banheiro_sexo	Diz respeito ao banheiro a que se vai e às ações diferenciadas costumeiramente realizadas no banheiro de acordo com o Sexo_sexo de uma pessoa.
	f) Orientação_sexual_sexo	Diz respeito ao Sexo_sexo pelo qual uma pessoa se sente atraída e as implicações comportamentais disso.
	g) Posição_sexual_sexo	Posição realizada e esperada no ato sexual.
	h) Gênero_de_referência_sexo	Diz respeito ao gênero flexional utilizado na referência a pessoas quanto a seu Sexo_sexo: gênero masculino ou feminino.
2. Pessoas_por_gênero	a) Identidade_de_gênero	Identidade social pautada nos significados socialmente construídos em torno dos sexos, mas sem relação necessária com o Sexo_gênero da pessoa em questão.
	b) Sexo_gênero	Diz respeito à diferenciação biológica promovida pelos cromossomos sexuais. Não há implicações necessárias dessa diferenciação, a não ser biológicas.
	c) Vestuário_gênero	Este EF indica o Vestuário que o Usuário veste. O atributo de masculino ou de feminino a um Vestuário_gênero é produto de uma convencionalização social.
	d) Orientação_sexual_gênero	Diz respeito ao Sexo_gênero pelo qual uma pessoa se sente atraída. Não há implicações necessárias.
	e) Gênero_de_referência_gênero	Diz respeito ao gênero flexional utilizado na referência de pessoas quanto a sua Identidade_de_gênero.

Quadro 2 Definição dos EFs emergentes dos frames Pessoas_por_sexo e Pessoas_por_gênero nos dados

Mostraremos, a seguir, que as expressões referenciais utilizadas pelos entrevistadores em relação a LC, geralmente a partir do ponto de vista relacionado ao *frame* Pessoas_porsexo, são textualmente incorporadas em comentários avaliativos ou explicativos pela entrevistada, que as recategoriza principalmente a partir de seu ponto de vista relacionado ao *frame* Pessoas_por_gênero. Movimentos como esses indicam uma negociação de sentidos na qual LC e os entrevistadores se engajam.

Nos dados analisados, a identidade e o conhecimento de LC sobre gênero são principalmente enquadrados pelos entrevistadores a partir do *frame* Pessoas_porsexo, ao qual LC se contrapõe. Assim, o *frame* Pessoas_por_gênero, por sua vez, emerge dialogicamente em relação à forma com que o *frame* Pessoas_porsexo é ativado e mobilizado principalmente pelos entrevistadores. Desse modo, LC também mobiliza o *frame* Pessoas_porsexo, mesmo que para modalizar ou questionar diretamente o ponto de vista instaurado por ele, mas a partir de seu próprio ponto de vista nas respostas às perguntas dos entrevistadores, havendo assim uma relação de entrelace (VEREZA, 2013) entre os dois *frames*. Veremos esses movimentos em cada entrevista: primeiro na entrevista para o *Roda Viva*, em 2012, e, depois, na entrevista para o *Gabi quase proibida*, em 2013.

4.1. Entrevista de LC para o programa *Roda Viva* (2012)

No início da entrevista ao *Roda Viva*, dentre as pressuposições realizadas pelos entrevistadores, temos a de que LC pode informar ela mesma o gênero de tratamento com que gostaria de ser referida. Essa pressuposição pode ser apontada quando o entrevistador Mário Sérgio Conti (MS) introduz a entrevista perguntando a LC como ela gostaria de ser chamada: “*você prefere que a gente te chame de ‘senhor’ ‘senhora’ ‘senhorita’ como devemos nos referir a você?*”. Por essa razão, no começo da entrevista, podemos apontar a emergência do EF Gênero_de_referência_gênero, previsto pelo *frame* Pessoas_por_gênero, ativado pelo entrevistador MS com base em conhecimentos contextuais sobre LC.

Extrato 1³²

- 1 MS [...] nosso entrevistado d- desta noite é Laerte Coutinho boa noite Laerte... uma: pergunta pré:via.... você prefere que a gente te chame de “senhor” “senhora” “senhorita” como devemos nos referir a você/
- 2 LC ((risos)) eu tenho dito que eu tenho dupla cidadania:... eu mesmo falo:... ó tá vendo/ e- me ref- me refiro a mi:m como: no masculino e no feminino ass-
- 3 MS mas cê não tem nenhuma preferência/
- 4 LC não\
- 5 MS e por que que cê se veste de mulher agora Laerte/
- 6 LC que pergunta essa era a pergun-/ [((risos)) pergunta que era pro final da coisa
- 7 MS [((risos)) é... vamos abrir a conversa
- 8 LC bom começa que a: a expressão “vesti:r-se de mulher” é:... é: é também conversável é quer dizer dá margem a um- a uma a um outro debate também eu uso roupas femininas... uso maquiagem uso:... itens do: do: da... da apresentação de gênero assim que... são convencionalmente... das mulheres... feminino... mas eh eu não estou “vestido de mulher” no sentido

³² Para as transcrições, adotou-se o Sistema de Notação versão 2011 utilizado pelo Grupo de Pesquisa Cognição, Interação e Significação (COGITES). Esse Sistema de Notação foi baseado em Jefferson (1984), Marcuschi (1991) e Mondada (2000). Informações sobre o grupo de pesquisa estão disponíveis em: <<http://cogites.iel.unicamp.br>> Acesso em: 17. jun. 2018.

de que eu não estou fantasia:da de que no sentido de que eu não tô tentando “passar por mulher” ou “simular” ou “emular... uma mulher” eu tô:... eu tô me entendendo e e confabulando com o universo dos dos do:... universo feminino né/ gênero feminino

MS também ativa em seguida o *frame* *Pessoas_porsexo*, quando pergunta “*e por que que cê se veste de mulher agora Laertef*”, utilizando a expressão “vestir-se de mulher”. Essa expressão emerge perspectivada pelo *frame* *Pessoas_porsexo*, uma vez que o EF *Vestuáriosexo* enquadra as *pessoas consideradas do sexo feminino* necessariamente como *usuárias de roupas consideradas femininas*. Assim, podemos observar que MS, mesmo que tenha ativado o *frame* *Pessoas_por_gênero* anteriormente, também ativa o *frame* *Pessoas_porsexo*, posteriormente. Embora sejam divergentes, esses *frames* podem ser, assim, coocorrentes.

Na resposta de LC (“*eu tenho dito que eu tenho dupla cidadania:... eu mesmo falo:... ó tá vendo/ e- me ref- me refiro a mi:m como: no masculino e no feminino*”) à pergunta acima de MS, por sua vez, ela predica a si mesma com verbos cujos complementos mobilizam o *frame* *Pessoas_por_gênero*, dando saliência ao EF *Gênero_de_referência_gênero* (“[...] eu tenho dito que *eu tenho dupla cidadania:...*”, “e- me ref- me refiro a mi:m como: no masculino e no feminino”). Com a mobilização desse *frame*, LC não precisa necessariamente referir-se em apenas um gênero.

LC também atua textualmente, nessa resposta, sobre a expressão *vestir-se de mulher*, enunciada por MS (“*e por que que cê se veste de mulher agora Laertef*”). Assim, atuando textualmente sobre a fala de MS, em relação ao uso da construção “*se veste de mulher*”, LC a incorpora enunciativamente para negá-la, a partir da mobilização do *frame* *Pessoas_por_gênero*: “*eu não estou ‘vestido de mulher’*”. A negação “*eu não estou ‘vestido de mulher’*” consiste não na negação de que LC está vestida com roupas convencionalmente femininas (cf. FILLMORE, 1982; 1985), mas da associação metonímica prevista no *frame* *Pessoas_porsexo* entre as *mulheres* e as *roupas que as mulheres convencionalmente usam*, conforme indica o articulador textual axiológico “*no sentido de que eu não estou fantasia:da de que no sentido de que eu não tô tentando ‘passar por mulher’ ou ‘simular’ ou ‘emular... uma mulher’*”.

Ainda na resposta a essa primeira pergunta, outros recursos de caráter explicativo são realizados quando LC utiliza a rejeição do *frame* *Pessoas_porsexo* por meio de construção negativa: “*... eu não estou ‘tentando passar por mulher’ ou ‘simular uma mulher’, eu estou me entendendo e confabulando com o universo feminino, do gênero feminino*”. Assim, LC atua textualmente sobre construções linguístico-cognitivas que mobilizam o *frame* *Pessoas_porsexo* e *Pessoas_por_gênero*, mas a partir de um ponto de vista ligado ao último. No extrato 2, também podemos observar essa atividade de LC. Nesse extrato, LC é interrompida pelo cartunista Caco Galhardo (CG) quando respondia a uma pergunta da colunista da revista *TPM* (*Trip para mulheres*) Milly Lacombe (ML):

Extrato 2

- 9 LC o movimento a palavra “cross-dress-” “cross-dressing” veio dos Estados Unidos num contexto em que ela era usada para definir homens heterossexuais que se vestem com roupas femininas... e que fazem disso uma arte que fazem disso um momento de prazer
- 10 CG pera um pouquinho interrom- desculpa só eu te interromper aqui...
- 11 ML não
- 12 CG tem cross-dressing hetero/
- 13 LC ... mas é o que estou te dizendo [no início... no início]
- 14 CG [então mas eu não xxxxx tudo bem que cê]

- 15 LC o cross-dressing foi criado a palavra designava justamente grupos de homens heteros explicitama- que que expli- faziam questão de deixar isso claro "somos heteros" até hoje existem sites e clubes assim
- 16 CG não- não faz não faz o menor sentido Laerte
- 17 LC por quê/ [...] não faz sentido o cacete

Temos, nesse extrato, construções textuais realizadas por CG que têm como escopo associações feitas a partir de conhecimentos organizados relacionados à categoria "*cross-dressing*", segundo os quais esta seria uma prática feita por homens homossexuais. O escopo da avaliação de CG ("*não faz o menor sentido*") são as predicações realizadas por LC sobre o uso da categoria "*cross-dressing*": "*a palavra 'cross-dress-' 'cross-dressing' [...] era usada para definir homens heterossexuais que se vestem com roupas femininas...*". As construções textuais de CG, como a interrupção para checar a informação nova ouvida (turnos 10 a 12) e a predicação "*não faz o menor sentido*" indicam um ponto de vista instaurado pelo *frame* *Pessoas_porsexo*, mobilizado por esse entrevistador.

Assim, CG evoca expectativas e realiza inferências que põem em questão a significação da expressão referencial "*cross-dressing hetero*". Podemos apontar esse construto sociocognitivo evidenciado por CG como a associação entre os EFs *Sexo_sexo*, *Vestuário_sexo* e *Orientação_sexual_sexo* do *frame* *Pessoas_porsexo*. Está previsto nessa associação que a categoria *cross-dresser* implicaria que o indivíduo em questão seja homossexual, uma vez que o *cross-dressing* consistiria na prática de homens usarem roupas "de mulher" e essa prática só poderia ser realizada por homens homossexuais, (pres)supostamente mais afeitos a práticas consideradas femininas.

Por sua vez, LC mobiliza o *frame* *Pessoas_por_gênero*, particularmente os EFs *Sexo_gênero* e *Vestuário_gênero*, por meio da introdução e da construção do referente "*cross-dressing*", e o EF *Orientação_sexual_gênero*, por meio da recategorização de "*a palavra [...] 'cross-dressing'*" por "*homens heterossexuais que se vestem com roupas femininas*" – referente que, por sua vez, também faz emergir os EFs *Sexo_gênero* (por meio da expressão referencial "*homens*") e *Vestuário_gênero* (por meio da predicação "*que se vestem com roupas femininas*").

4.2. Entrevista de LC ao programa *Gabi quase proibida* (2013)

Na entrevista a Marília Gabriela (doravante MG), por sua vez, em 2013, LC é, durante quase toda a entrevista, tratada no masculino, ainda que utilize para si categorizações no feminino e que corrija a entrevistadora no começo da entrevista, conforme mostra o extrato 3 a seguir, fazendo emergir o EF *Gênero_de_referência_gênero* do *frame* *Pessoas_por_gênero*. A negociação que aí emerge ativa os *frames* *Pessoas_porsexo*, por MG, e *Pessoas_por_gênero*, por LC. No entanto, MG demonstra alinhar-se progressivamente à mobilização do *frame* *Pessoas_por_gênero* realizada por LC por meio de construções referenciais (como introduções referenciais, (re)categorizações e encapsulamentos anafóricos) em resposta ao *frame* *Pessoas_porsexo* ativado inicialmente pela entrevistadora.

Extrato 3

- 18 MG Laerte você tá... de um ano pra cá a gente se viu... pouco mais de um ano... com mais co:res
- 19 LC é
- 20 MG mais feminino posso dizer ou não/
- 21 LC mais "feminina" ((*risos*))

- 22 MG feminina/ você o- aliás foi bom você falar isso que eu já vou começar aqui tem uma pergunta do: de alguém que pergunta assim “eu li que após-” ((lendo)) o Eduardo Duarte do Rio de Janeiro diz assim “eu li que após a revelação do cross-dressing você escolheu pra si o nome Sônia... por que este nome/ você prefere ser chamado assim pelos seus amigos/ e outra coisa... você acha que seus amigos heteros- he- heterossexuais mudaram de comportamento com você/”... ele tá dizendo isso da Sônia mas eu não sei se isso já mudou porque eu li das mais recentes... entrevistas que você deu... eu li você dizendo que qu- quis ser chamado de Sônia mas hoje você queria mesmo era ser chamado de Laerte
- 23 LC ser chamado ter um nome feminino faz parte da praxe... dos grupos de transgêneros... eu não uso mais a palavra “cross-dresser” porque acho que ela tem uma conotação meio... ahn ahn classista e e meio preconceituosa em relação às travestis... mas enfim... isso é outra coisa... ahn eu usei esse nome Sônia e: durante um tempo eu i- eu pensei realmente em adotar uma identidade... eh de Sônia uma identidade claramente feminina mas eu gosto de Laerte gosto do meu nome... eh trabalho com ele ele faz parte do meu b- patrimônio... cultural... e existe uma senhora Laerte... foi casada com o prefeito de São Bernardo dona Laerte Soares de Oliveira ((risos))
- 24 MG é mesmo/
- 25 LC eh o nome é idêntico não é Laerta não é Laércia
- 26 MG é Laerte [como o seu
- 27 LC [dona Laerte Soares de Oliveira

Nesse extrato da entrevista, MG tece associações entre o uso de vestuário mais colorido e a identidade de gênero, como podemos notar pelo uso sequencial das predicções “você *tá [...]* com mais co:res [...] *mais feminino*” seguida de um marcador metaenunciativo “*posso dizer ou não?*”, que busca a validação da entrevistada para tais predicções. Ações metaenunciativas como esta realizada na entrevista por MG indicam alinhamentos frente à ativação do *frame* *Pessoas_por_gênero* realizada pela entrevistada. Outra associação é tecida quando MG relaciona o uso da categorização feminina de LC realizada no turno 21 e a possível adoção do nome Sônia pela entrevistada. Essa associação ocorre, por exemplo, por meio do articulador tópico “*aliás foi bom você falar isso que eu já vou começar aqui tem uma pergunta do: de alguém [...]*”, da citação direta da pergunta de um telespectador e da própria construção dos referentes emergentes e concernentes entre si nesse turno de MG.

Ao explicar porque adota o nome “*Laerte*” em vez de “*Sônia*”, nome inicialmente aventado para si mesma, LC toma a pergunta de MG sobre esse nome como “*gatilho*” para fazer uma explicação de que, em termos breves, o nome “*Laerte*” pode ser tomado como feminino. Construções referenciais, por meio das quais LC realiza esses movimentos explicativos, mobilizam *frames* que colaboram para a construção da indiciabilidade da identidade feminina da entrevistada.

Isso ocorre por meio do encapsulamento “*ser chamado ter um nome feminino*”, que encapsula as informações-suporte “*você escolheu para si o nome Sônia*”, “*ser chamado assim*”, “[você] *quis ser chamado de Sônia*” e é predicado por “*faz parte da praxe... dos grupos de transgêneros*”. O referente instaurado por esse encapsulamento (“*ser chamado ter um nome feminino*”) é ainda recategorizado como “*adotar uma identidade... eh de Sônia uma identidade claramente feminina*”. Esses processos referenciais colaboram para a mobilização do *frame* *Pessoas_por_gênero*, que envolve processos de autoidentificação, de adoção de identidades e, relacionado a esta, a adoção ou não de um novo nome próprio. Além disso, a introdução do novo referente “*uma senhora Laerte*”, predicada por “*foi casada com o prefeito...*” e recategorizada por “*dona Laerte Soares de Oliveira*”, também colaboram para a indiciabilidade da feminilidade do nome “*Laerte*” e da própria LC.

Tais ações indiciais são identificadas por MG que, tendo anteriormente categorizado LC no masculino, checka tal inferência por meio da pergunta “*mas assim... você Laerte... é... eh é do sexo... você é feminina, é isso?*”, conforme podemos ver no extrato a seguir. Assim, MG também mobiliza o *frame* *Pessoas_por_gênero*, salientando o EF *Identidade_de_gênero*, mas mantém uma perspectiva distanciada, utilizando o anafórico “*essa coisa do gênero*”, em seguida, que indicia uma determinação referencial pouco específica ou conhecida.

Extrato 4

- 28 MG mas assim... você Laerte... é:... eh é do sexo... você é feminina é isso/
 29 LC e: [então
 30 MG [essa essa essa coisa do gênero [se mistura
 31 LC [a gente pode começar por essa coisa da congruência da necessidade de congruência entre o sexo genital o sexo biológico com o qual a gente nasce que pode ser macho fêmea ou indefinido ou intersexo... pode e: e: tem em s- em seguida o negócio da da identidade de gênero que é cultural e que diz respeito a ser masculino feminino ou nenhuma... e tem a orientação sexual que é uma outra coisa essa pergunta que a pessoa fez... ela... b- tipicamente misturou as coisas “seus amigos heterossexuais”... eh... porque há essa confusão mesmo se uma pessoa se veste de mulher ela é e é homem nasceu homem “é bicha é viado gosta de dar”... se a pessoa nasceu mulher ela “tem que se comportar como mulher” se a pessoa- sabe/ essa a necessidade dessa congruência dessas três camadas do ser humano né/... é: uma prisão é uma gaiola é uma convenção é uma coisa que não faz sentido não tem sentido

No extrato acima, LC também faz uma explicação tomando como escopo seu próprio ponto de vista a partir do *frame* *Pessoas_por_gênero*. A cadeia referencial construída por LC mobiliza o *frame* *Pessoas_por_gênero*, por meio de introduções de referentes e encapsulamentos catafóricos e anafóricos. Essa cadeia inicia-se com as introduções referenciais “*essa coisa da congruência da necessidade de congruência entre [...]*”, “*o negócio da da identidade de gênero*” e “*a orientação sexual*” (recategorizada como “*uma outra coisa*”); progride com os encapsulamentos “*as coisas*” (que encapsula os referentes anteriormente introduzidos e é recategorizado posteriormente por “*essas três camadas do ser humano*”), “*essa confusão*”, “*essa a necessidade dessa congruência dessas três camadas do ser humano*”, além de outros. Por meio dessas construções referenciais, LC questiona a relação tomada como necessária entre sexo, vestuário, orientação sexual, posição no intercuro sexual e comportamento social, segundo a mobilização do *frame* *Pessoas_por_sexo*. Assim, LC salienta os EFs *Sexo_sexo*, *Vestuário_sexo*, *Orientação_sexual_sexo*, *Posição_sexual_sexo* e *Comportamento_sexo* do *frame* *Pessoas_por_sexo* como forma de questionar a forte conexão entre eles realizada pela perspectiva do *frame* *Pessoas_por_sexo*.

A inicialidade deste *frame* ocorre também por meio da predicação da pergunta lida pela entrevistadora no extrato acima: “[essa pergunta que a pessoa fez] *tipicamente misturou as coisas*”. Citações também são feitas, concernentes a enunciadores genéricos relacionados também a esse *frame*: “*é bicha é viado gosta de dar*” e “*tem que se comportar como mulher*”. Esses elementos textuais são encapsulados ao final como “*necessidade de congruência*”, “*prisão*”, “*gaiola*”, “*convenção*” e finalmente como “*coisa que não faz sentido*”, expressões que encapsulam as informações anteriores a partir do *frame* *Pessoas_por_gênero* mobilizado por LC. Assim, a entrevistada assume um ponto de vista que organiza processos categorizados por LC como “*confusão*” e como “*uma coisa que não faz sentido, não tem sentido*”.

Para fechar esta seção, podemos apontar que, por meio da observação analítica das entrevistas com LC nos programas *Roda Viva* e *Gabi quase proibida*, é possível observar a

emergência dos *frames* Pessoas_por_sexo e Pessoas_por_gênero que os entrevistadores e LC manejam textualmente. Esses *frames* divergentes encontram-se e confrontam-se nas interações analisadas e são ativados e mobilizados em um processo de negociação, indicando elementos de construção de convergências entre os pontos de vista, embora não de forma conclusiva.

O encontro de interlocutores com conhecimentos (expectativas e pressupostos, por exemplo) organizados em *frames* de alguma forma contraditórios sobre gênero leva a condutas reflexivas (avaliação e explicação, por exemplo) e também a conflitos de perspectiva indicados por construções textuais, como construtores textuais de referência, ações metaenunciativas etc., que apontam incompreensão ou algum tipo de limitação ideológica de determinados indivíduos, como nos encapsulamentos metafóricos “gaiola” e “prisão” realizados por LC, no programa *Gabi quase proibida*. Há demonstrações do não reconhecimento por parte dos entrevistadores de construções de sentido enquadradas pelo *frame* Pessoas_por_gênero, como indica a predicação “*não faz o menor sentido*” realizada pelo entrevistador CG, no programa *Roda Viva*. Nesse caso, a forma particular com que os *frames* são evocados se deve à reorganização local da evocação dos *frames*, que se faz notar, por exemplo, nos processos de colaboração e de negociação que fazem convergir elementos de *frames* diferentes.

As informações e os conhecimentos pressupostos pelos interlocutores das entrevistas analisadas permitem a Laerte Coutinho (re)construir e atualizar sua concepção e identidade de gênero organizadas na forma de *frames*, tomando interativamente o terreno da linguagem em uso como um espaço de negociação em torno das categorias de gênero envolvidas. De um lado, ainda que adotem mais fortemente o ponto de vista do *frame* Pessoas_por_sexo, os entrevistadores sabem, por meio de elementos contextuais, que Laerte não é mais categorizado como um homem, tal como antes se identificava. Assim, o *frame* Pessoas_por_sexo, que emerge principalmente nas ações verbais dos entrevistadores, interage dialogicamente com a ativação e a mobilização do *frame* Pessoas_por_gênero e *vice-versa*. De outro lado, da parte de Laerte, seu conhecimento sobre a perspectiva do *frame* Pessoas_por_sexo é utilizado por ela de modo a ativar e a mobilizar o *frame* Pessoas_por_gênero, do qual os entrevistadores têm inicialmente alguns indícios e expectativas indicadas, atualizadas e/ou modificadas (de forma parcialmente prévia) na interação. Esse *frame*, Pessoas_por gênero, também é perspectivado por LC de modo particular, no encontro com a ativação e a mobilização do *frame* Pessoas_por_sexo.

Considerações finais

As ações e construções textual-interativas são algumas das diversas maneiras pelas quais (a identidade de) gênero se materializa por meio da linguagem. Assim, as ações referenciais e a dinâmica de *frames* podem ser algumas dessas “práticas semióticas que indicializam tais categorias” como as de gênero (cf. LEVON, 2016, p. 165). Os *frames* de gênero evocam concepções por meio de inferências socioculturais que, assim, permitem não apenas o reconhecimento, mas também o questionamento dos pressupostos implicados na produção textual e na categorização dos interlocutores.

Entendendo a indicialidade social como a possibilidade de a linguagem apontar elementos do contexto para os participantes de uma situação interativa por meio de inferências socioculturais realizadas pelos participantes (SILVERSTEIN, 1976, 2003; GUMPERZ, 2001; HANKS, 2008), podemos apontar que esse processo, com base na observação dos dados interacionais em foco, pode ser tomado como construído linguístico-textual, interativa e cognitivamente pelos interlocutores, além de ser, com diferentes ênfases, ideológico e sócio-histórico-cultural.

Assim, a indexicalidade social parece não apenas associar os interlocutores a categorias e papéis sociais determinados (SILVERSTEIN, 1976, 2003; GUMPERZ, 2001; HANKS, 2008), mas, também, por fazer isso, ela também indicia conhecimentos tomados como compartilhados pelos interlocutores sobre os referentes desenvolvidos e também conhecimentos que um interlocutor tem ou entende que tem do outro. Parte desse conhecimento está organizada na forma de *frames* mobilizados e tomados ou não como compartilhados.

À guisa de conclusão, podemos destacar também, como reflexão final ensejada por este estudo, a associação reiterada e dominante (ligada ao *frame* mais estável *Pessoas_por_sexo*, como vimos) entre orientação sexual e “desvio de gênero” (para usar a expressão usada por Cameron & Kulick (2003) ao discutirem as identidades trans). Se, como dizem Cameron & Kulick (2003, p. 6), “[a] fusão entre desvio de gênero e homossexualidade vem à tona porque a heterossexualidade é de fato um elemento indispensável na ideologia dominante de gênero”³³, as ações textuais e a dinâmica de *frames* em questão podem tanto ser de “conservação” dessa ideologia dominante, como de reflexão e questionamento, como as realizadas principalmente por Laerte Coutinho, em nossos dados, procurando construir localmente o modelo de gênero segundo o qual, de alguma forma, “desvio de gênero”, para usar a expressão de Cameron & Kulick (2003), e homossexualidade não implicam um o outro. Entendemos que essa construção local reverbera e colabora de alguma forma com a reconstrução socialmente mais ampla da forma como concebemos (as identidades de) gênero.

Frames in interaction and the social indexicality of gender in interviews with Laerte Coutinho

ABSTRACT: The aim of this paper is analyzing the role of the activation and mobilization of frames in gender indexicality of TV interviews with the Brazilian transgender cartoonist Laerte Coutinho from the sociocognitive and interactionist perspective of Text Linguistics and Frame Semantics. By means of the textual and interactional analysis of interviews, we identify the sociocognitive character of gender indexicality and the process of collaboration and negotiation in the mobilization of divergent gender frames in the analyzed interactions.

Keywords: Frame; Indexicality; Gender.

Referências

- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV) (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [com]textuais. In: SIGNORINI, I. (Org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 17-46.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMERON, D. Language, gender, and sexuality: current issues and new directions. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 26, n. 4, p. 482-502, mar. 2005.

³³ “The conflation of gender deviance and homosexuality comes about because heterosexuality is in fact an indispensable element in the dominant ideology of gender”.

_____; KULICK, D. *Language and sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CASTAÑEDA, M. *A experiência homossexual*. São Paulo: A Girafa, 2007.

CIENKI, A. Frames. Idealized cognitive models and domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FÁVERO, L. *et al.* Interação em diferentes contextos. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 91-158.

FERREIRA-SILVA, B. *Metadiscursividade em entrevistas: a inscrição de Mano Brown no campo jornalístico*. 2015. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982, p. 111-137.

_____. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, Alessandria, vol. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.

_____; BAKER, C. A Frames approach to semantic analysis. In: BERND, H.; NARROG, H. *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 313-339.

GUMPERZ, J. J. Interactional Sociolinguistics: a personal perspective. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (Ed.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Hoboken, New Jersey: Blackwell Publishers Ltd., 2001, p. 215-228.

HANKS, W. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

JEFFERSON, G. Notes on some orderliness of overlap onset. In: D'URSO, V.; LEONARDI, P. (Ed.). *Discourse Analysis and Natural Rhetorics*. Pádua: Cleup Editore, 1984, p. 11-34.

KOCH, I. V. *Introdução à Linguística de Texto*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 251-300.

KULICK, D. The gender of Brazilian transgendered prostitutes. *American Anthropologist*, Arlington, v. 99, n. 3, p. 574-85, 1997.

_____. *Travesti: Sex, gender and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

LAKOFF, G. *Don't think of an elephant! Know your values and frame the debate*. Hartford: Chelsea Green Publishing, 2004.

LEVON, E. O que soa “gay”? Prosódia, interpretação e julgamentos da fala masculina. *TODAS AS LETRAS*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 165-181, mai./ago. 2016.

LIMA, R.J.P. *Perspectivação social no Centro de Convivência de Afásicos do IEL/UNICAMP*. 2014. 207f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006.

_____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MIRANDA, N. S.; BERNARDO, F. C. Frames, discurso e valores. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 81-97, jan./abr. 2013.

_____; LOURES, L. F. Da análise semântica do discurso à ação educativa – um mapa da crise da sala de aula. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 16, n. 3, set./dez. 2016, p. 526-546.

MONDADA, L. Les effets théoriques des pratiques de transcription. *LINX*, Nanterre, v. 42, p. 131-146, 2000.

_____; DUBOIS, D. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTI, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. L. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: Letras e cognição, Niterói, n. 41, p. 93-113, 2010.

_____; BENTES, A. C. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 125-137, jan./jun. 2013.

_____. *et al.* O papel dos frames na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, p. 91-110, jan./abr. 2017.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SILVA, A. S. da. O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos? Textos Selecionados. In: XXIV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 2009a, Lisboa, *Textos seleccionados*, Lisboa: Colibri, 2009a, p. 511.

_____. A Sociolinguística Cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, Braga, Portugal, v. 13, n. 1, p. 191-212, jan. 2009b.

SILVERSTEIN, M. Shifters, linguistic categories and cultural description. In: BASSO, K. H.,

SELBY, H. A. *Meaning in anthropology*. A School of American Research Book. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976, p. 11-55.

_____. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, jul./out. 2003.

SOMMERS, C. H. *Who stole feminism?* How women have betrayed women. New York: Touchstone, 1994.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

VEREZA, S. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, p. 110-124, jan./jun. 2013.

Data de envio: 18/06/2018

Data de aceite: 17/12/2018